

Ganhe livros da Coleção Mil Folhas Para ver os textos sobre o livro, a galeria de imagens, a lista dos vencedores do passatempo da semana passada e para concorrer ao passatempo desta semana, consulte o "site" da Coleção Mil Folhas, no endereço <http://www.publico.pt/cm2>

José Cardoso Pires

Valsa entre o medo e a solidão

Este é um retrato de um tempo através do relato da investigação de um assassinio. "Balada da Praia dos Cães" conta a história de um crime político, cujo motivo não foi eleito por José Cardoso Pires como força maior da construção da trama. Interessá antes ao escritor a balada dos conspiradores, a valsa de mentiras e verdades. *Por Sofia Lorena*

De "Balada da Praia dos Cães" José Cardoso Pires dizia ter retirado a experiência única de inventar a realidade e de ver em carne e osso aqueles que no papel transformara em outros. Por um lado, conhecer os que lhe deram matéria de escrita; por outro, descobrir que mergulhara de tal forma no universo em causa que inventara pormenores que correspondiam em rigor à realidade.

A "Balada", editado em 1982, é a história da investigação do crime da praia do Mastro, que em 1960 fizera manchetes e animara conversas de café. Um ano depois Cardoso Pires recebeu um relato escrito, matéria que podia desde logo ter transformado em romance. Esperou 20 anos para trabalhar o que seria um dos seus maiores sucessos, quis fazê-lo em liberdade. O crime em questão é de esquerda, podia ter sido contado logo, mas ele só o quis fazer quando pudesse, se assim o entendesse, contar um que fosse de direita.

Romance, policial, narrativa em que todos são narradores, dividida entre "A Investigação" e "A Reconstituição". Para começar, o princípio, o fim imediato de todos os assassinios, a descoberta do corpo, no caso, a descrição pormenorizada do "cadáver de um desconhecido", a que em breve daremos nome e história de vida. Do corpo viajamos para o mundo de Elias Santana, o chefe Covas de quem acompanharemos de obscenamente perto o trabalho de investigador compulsivo. Desde que percebe que, desta vez, o De Cujus, como chama aos cadáveres que lhe são confiados, traz em si "um coice de morto", sangue político, tipo S, Subversivo.

Segui-lo-emos nas suas diligências, diurnas ou tardias, nas alturas que se diz de si mesmo que "anda aos calados". Observá-lo-emos entre interrogatórios, consultas ao Livro dos Mortos. Quando pára e trespá, que "no tresler é que está a leitura [...] com a preciosa ajuda do mindinho, a unha que escuta." Ou quando regressa à sua casa com vista para o Tejo onde tem por única companhia o lagarto Lizardo (há também os ratos, mas esses não lhe se dão a ver).

Começamos e acabamos com Covas. O polícia que "ao fim de muitos anos de traquejar com cadáveres malditos" conclui que "o que mata não faz mais que se suicidar nessa morte". Também aqui, em que o crime é o de uma conspiração nascida num ambiente suficientemente conspirativo para poder dar-se o caso de todos conspirarem contra todos durante todo o tempo.

Três suspeitos, nenhum motivo

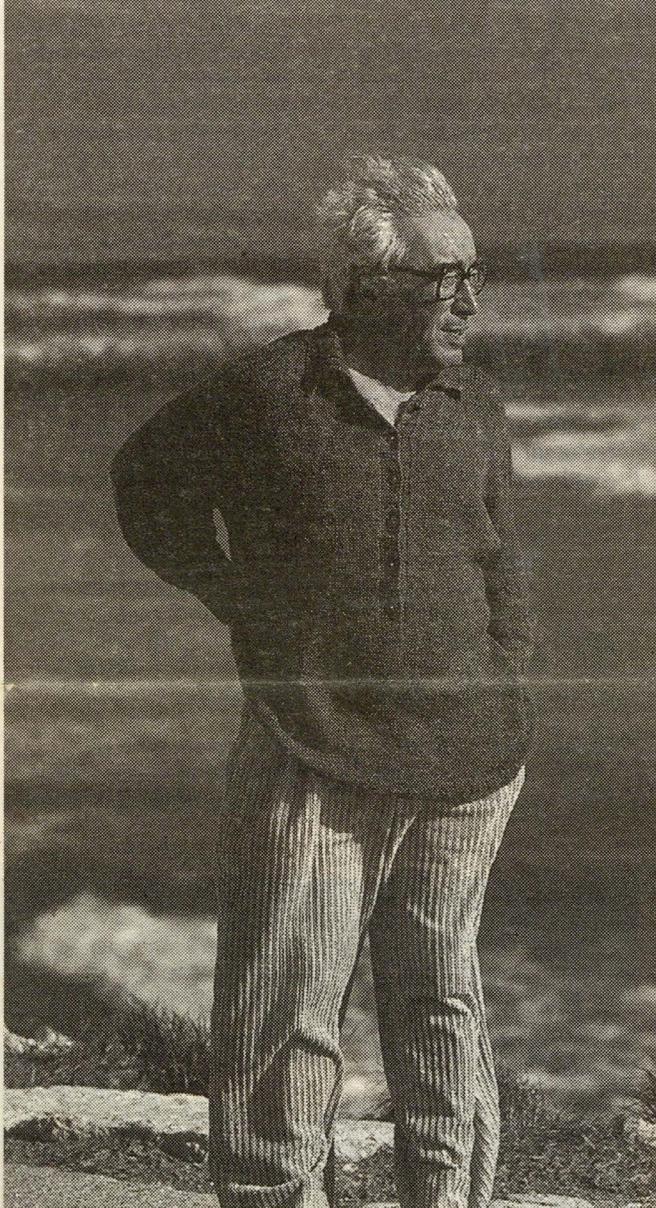
Sublinhado pelos críticos ao discorrerem sobre esta balada foi sempre o facto de este crime não ter um motivo, ou melhor, de o autor não eleger esse móbil como força maior da construção da trama. No fundo, todos os co-criminosos têm todos e, ao mesmo tempo, nenhuns motivos para o crime que decidem cometer. Estão todos no tal estado de pré-suicídio que Covas bem sabe ser bom como motivação para matar.

E são três os nossos suspeitos. Dois que com o assassinado, Luís Dantas Castro, se tinham evadido do Forte de Elvas, onde estavam presos por "sedição militar". Ambos num volkswagen conduzido pelo terceiro, Mena. Um arquitecto, Renato Manuel Fontenova Sarmento, 25 anos. O 1º cabo Bernardino Barroca, 23 anos ("ele só acreditava nos soldados e foi um soldado que o matou [...] o pai dos soldados, daí a grande traição."), Filomena, ou Mena, como lhe chamaremos mais tarde (primeiro é só um rosto, depois meio corpo, seios nus à janela, cabelos negros, depois um corpo sumptuoso, cada coisa no seu lugar).

Mena? O arquitecto? O cabo? "O assassino do major é da PIDE"? "A quem interessava prolongar a morte do major"?

Pois é Elias, é chato, mas o que é que tu queres? "O molho é político, é matéria com animus conspirandi [...] como você muito bem sabe aí a palavra é da PIDE [...] animus conspirandi ou ânus conspirandi, mais cu, menos cu".

LUÍS RAMOS



O livro que deu a Cardoso Pires a experiência de conhecer os que lhe deram matéria de escrita

ESTE LIVRO DEU UM FILME

Realizado por José Fonseca e Costa, "Balada da Praia dos Cães" estreou-se em 1987, cinco anos depois de outra das obras marcantes do cineasta, "Kilas, o Mau da Fita". Nesta altura já outros para além de Fonseca e Costa, como Fernando Lopes, que faria, já em 2002, "O Delfim", tinham sonhado em levar aos ecrãs as palavras-imagens das páginas dos livros de José Cardoso Pires. Como lembrou o amigo cineasta dias depois da morte branca que levou o companheiro de décadas, muitos foram os livros de um que ambos sonharam que o outro iria levar ao ecrã. "Era a nossa primeira viagem e não sabíamos, então, nem das outras que faríamos depois e menos ainda dos acontecimentos que se desenrolavam à nossa volta [...]. E se nos dissessem, ainda por cima, que o Covas viria a ser representado pelo Raul Solnado, a viagem teria terminado em Cacilhas à volta duma caldeirada de búzios regada a palhete do Cartaxo", ("Um Homem Sorri à Morte de Cara Inteira", "Indy", 6 de Novembro de 1998). Esta balada acabou por ser a única, pelo menos em vida do Zé — que assumia o cinema como a escola que teve, para a escrita e para a vida.

"Lolita"

de Vladimir Nabokov,
é o livro que se segue

Publicado em 1955, "Lolita" conta a história da relação entre um homem de meia idade, Humbert, e uma menina de doze anos, Dolores (Lolita) Haze. Antes de conhecer Lolita, Humbert já se sentia ligeiramente atraído por rapariguinhas, mas é com aquela que sucumbe realmente à tentação. Para ficar mais próximo de Lolita, casa com a mãe da jovem. A obra foi adaptada ao cinema em dois momentos: em 1962, por Stanley Kubrick, e em 1998, por Adrian Lyne.

O assassino é o medo

O caso arrasta-se. Elias procura outras luzes e reverberações. Talvez perceber Mena. (Assim a vê: "oca, é o medo. De certo modo, morta."). Pistas, há sempre pistas. Tão certo quanto a sombra ser "o castigo do vivente". "A investigação", fugas, baladas de desertores, declarações de testemunhas e documentos diversos.

Relato que impressiona por se alimentar daqueles que experimentaram a forma dramática de solidão que é o medo. E que ficaram para contar ou dar a contar como o medo tem uma lógica que aliena de valores até um ponto em que se torna assassino.

Cardoso Pires e o retrato de um tempo, o da Lisboa de Salazar, praga sedentária que se alastrava a todo o país. Lisboa, na altura "um animal sedentário", "uma cidade contornada por um sibilar de antenas e por uma auréola de fotografias de malditos com o Mestre Pátria a presidir." "Esse tempo foi o do fascismo ordinário, quotidiano, que ele descreveu ou alegorizou como ninguém", como sintetizou Eduardo Lourenço ("Branca Eternidade", PÚBLICO, 27-10-1998).

"Balada da Praia dos Cães" é disso prova. Balada de conspiradores. Valsa de mentiras e verdades. Um corpo desconhecido. Três suspeitos. Algumas personagens que ficam para a história das personagens. Mena, Covas e até o lagarto Lizardo, vidas, corpos, mundos. Algures entre a realidade e a ficção "numa verdade e numa dúvida que não são pura coincidência". ■